

Processos de expansão semântica em predicções com o verbo *ir*

(Process of semantic expansion in predications with verb *ir* [to go])

Vinicius Maciel de Oliveira

Faculdade de Letras – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

vmoliveira@vista.aero

Abstract: This paper focuses on the study about the semantic categorization of constructions headed by the verb “to go” (*ir*). Both its lexical basic configuration, which expresses spatial movement, and its semantic extensions are analyzed. Based on a *corpus* composed by *data* that belong to written and oral Portuguese texts, a qualitative research is developed. It consists in describing semantic and syntactic features related to each use of the verb “to go” (*ir*). A quantitative investigation is also a goal of this study since it makes possible to show the frequency of “to go” (*ir*) in each interactional context.

Keywords: Semantics; polysemy; verb to go (*ir*).

Resumo: Este artigo trata de uma investigação acerca da caracterização semântica de predicções com o verbo *ir*. Analisam-se sua configuração lexical básica, com a qual exprime “movimento de um agente controlador de um espaço a outro”, e a natureza de suas extensões de sentido. Com base num *corpus* constituído de dados pertencentes a textos orais e escritos do Português, realiza-se um tratamento, sobretudo qualitativo, em que se descrevem as propriedades sintáticas e semânticas de cada uso em pauta. Efetua-se, também, um exame quantitativo cujo objetivo é o de apresentar frequências de emprego de *ir* em cada contexto.

Palavras-chave: Semântica; polissemia; verbo *ir*.

Introdução

Ir, um verbo muito frequente na língua, apresenta tanto maleabilidade sintática como semântica, podendo desempenhar distintos papéis na frase e veicular diferenciados sentidos. Neste texto, discute-se, com base em dados do Português Brasileiro falado e escrito, o comportamento desse verbo na qualidade de predicador – elemento de natureza verbal com capacidade de selecionar as condições sintático-semânticas de seus argumentos –, de modo a caracterizar os processos de expansão semântica que afetam esse item, e os elementos que o rodeiam.

Assim sendo, em um primeiro momento, analisam-se as propriedades de *ir* em vista de seu uso mais básico, para que, posteriormente, seja possível explicar aspectos de polissemia de predicções com tal elemento verbal.

Aspectos teóricos

Este trabalho orienta-se conforme os pressupostos do Funcionalismo, na medida em que se concebe a língua, em primeira instância, como um objeto histórico – muda/altera-se ao decorrer do tempo – condicionado a necessidades sócio-interacionais de seus usuários. Por assim ser, assume-se que a descrição linguística deve se pautar nas condições de produção e de interpretação dos enunciados, considerando-se, assim, as especificidades que envolvem o falante e o ouvinte.

Dik (1997) propõe uma teoria de Gramática Funcional cujo principal objetivo é o de oferecer, a uma língua natural, uma completa e adequada descrição da organização

gramatical relacionada ao discurso. Segundo o autor, tal teoria deveria ser um subcomponente integrado à teoria do usuário de uma língua natural (NLU – *Natural Language User*). Para tanto, Dik pauta seus objetivos em dois princípios:

- (i) A theory of language should not be content to display the rules and principles underlying the construction of linguistic expressions for their own sake, but should try wherever this possible at all, to explain these rules and principles in terms of their functionality with respect to the ways in which these expressions are used.
- (ii) (...) although in itself a theory of linguistic expressions is not the same as a theory of verbal interaction, it is natural to require that it be devised in such a way that it can most easily and realistically be incorporated into a wider pragmatic theory of verbal interaction. (1997, v. 1, p. 4)

Do arcabouço teórico sugerido por Dik (1997), considera-se, para fins de representação de análise, a noção de **marco predicativo**. Esse componente oferece informações básicas de um predicado, como sua forma lexical (no caso de um verbo, o infinitivo), seu tipo (verbal, adjetival ou nominal), sua estrutura valencial ou argumental e suas restrições de seleção (condições semânticas essenciais impostas pelo predicado para que termos ocupem a posição de argumento).

Outro pressuposto do qual se aproveita nesta pesquisa consiste na relação entre todos os componentes da cadeia de alteração semântica, isto é, a interdependência entre itens de uma mesma categoria composta por membros que partilham entre si atributos e/ou similaridades em meio a uma estrutura de rede polissêmica. A noção de categorização linguística, concernente à perspectiva cognitiva de Taylor (1995), é pertinente a este estudo, de modo que seja possível descrever e interpretar as possíveis cadeias semânticas de *ir* com base no membro central (protótipo) – o elemento a partir do qual, possivelmente, se derivam outras funções sintáticas, ou discursivas, e outros sentidos. Portanto, independentemente da natureza da categoria, ou seja, lexical, (semi-) gramatical ou discursiva, pode haver a distribuição dos elementos de tal categoria em um *continuum* semântico, de maneira que cada membro partilha com outro(s) algum tipo de especificação.

Breve descrição do *corpus*

Esta pesquisa conta com um total de 494 ocorrências do verbo *ir* advindas de textos orais e escritos do português brasileiro. Os dados orais foram obtidos com base em acervos de entrevistas feitas a informantes de diferentes faixas etárias e escolaridades. A configuração da amostra com base em *corpora* múltiplos decorre do intuito de se buscar registrar usos representativos de *ir* na língua portuguesa empregada nas modalidades falada e escrita.

Os dados de língua oral provêm de dois diferentes acervos: D&G (Projeto Discurso e Gramática, coordenado pelo Professor Doutor Mário Eduardo Martelotta) e PEUL (Programa de Estudos sobre Uso da Língua, coordenado pelos Professores Doutores Anthony Julius Naro e Maria da Conceição Auxiliadora de Paiva).

Do Projeto **D&G**, coletaram-se os dados referentes ao *corpus* composto com base em textos produzidos por falantes da cidade do Rio de Janeiro. Essa amostra é estratificada de acordo com a escolaridade, sobretudo. A análise do *corpus* do Rio de Janeiro propiciou a coleta de dados concernentes ao primeiro ano do Ensino

Fundamental (antigo C.A. infantil), primeiro ano do Ensino Fundamental supletivo, Ensino Médio (antigo segundo grau) e Ensino Superior.

Do acervo da **Amostra da Variedade Dialeto Fluminense** do Projeto PEUL, pesquisaram-se duas amostras da modalidade falada: Banco de Dados da Fala Infantil (informantes entre as idades de quatro a nove anos) e Banco de Dados Censo 2000 (informantes com até o Ensino Médio). Desse projeto, pesquisaram-se apenas duas amostras, em virtude da riqueza de dados encontrados, uma vez que se objetiva equilibrar entre os acervos o número de dados coletados.

Os dados da língua escrita advêm, também, dos acervos D&G e PEUL. Do primeiro, coletaram-se as reproduções por escrito que os informantes eram solicitados a executar. Essas reproduções correspondem, em termos de temática, aos depoimentos orais.

Com o propósito de captar uma aparente representação da língua escrita formal, investigaram-se, no acervo do PEUL, textos jornalísticos pertencentes aos veículos O Globo, JB, Extra e Povo, pois se considera que tais veículos apresentam nuances consideráveis de graus de formalidade, tendo em vista, sobretudo, o público-leitor. Os gêneros textuais¹ pesquisados são **cartas de leitores, crônicas, editoriais, notícias-reportagens e artigos de opinião**.

O comportamento básico

Tendo em vista seu uso mais básico, *ir* significa “deslocamento de um ponto até outro no espaço” e possui a função de verbo predicador, selecionando três argumentos caracterizados como (i) o agente que se desloca, (ii) o local de origem e (iii) o local para onde se desloca.

A predicação com *ir* configurada com base em três argumentos não é usual na língua, já que o argumento que designa a origem do deslocamento, quase não é expresso no cômputo geral dos dados (encontraram-se apenas duas ocorrências com tal configuração). Acredita-se que o apagamento desse argumento com função de **origem** (cf. DIK, 1997, v.1, p. 121) ocorre por conta de implicações discursivas, visto que, em termos de importância comunicativa, a **direção**, ou seja, o lugar para onde o agente se desloca, se apresenta como a informação argumental mais saliente. Trabalha-se com a hipótese de que tal saliência decorre do fato de o argumento origem, em quaisquer situações comunicativas, ser inferido pelo interlocutor, enquanto, por outro lado, o argumento direção não é, caracterizando-se, assim, como uma informação nova. Vilela (1999) argumenta a favor da ideia de que a informação semântica de origem está incorporada ao lexema de *ir*, sendo, assim, um traço intrínseco de tal verbo. Para o autor, o contexto é o responsável para ativação de tal informação.

Quadro 1: Marco predicativo dos exemplos (1) e (2)²

(f ₁ : <i>ir</i>) [V] (x ₁ : <animado>) _{agente} (x ₂ : <inanimado>) _{origem} (x ₃ : <inanimado>) _{direção} = ((arg. 1): sujeito que se desloca) ((arg. 2): lugar de onde se desloca) ((arg. 3): lugar para onde se desloca)

¹ Embora não se apresente, neste estudo, uma fundamentação teórica para aspectos relativos a gêneros textuais, acredita-se que existe um consenso na literatura linguística em atribuir aos formatos de textos em negrito o rótulo de gêneros textuais.

² A marcação da distinção entre as predicações, de básicas a não básicas, será feita por meio do número que se sobrepõe à letra “f”.

- (1) “E (Entrevistador): *Certo. E como é que foi? Vocês saíram [da... (hesitação) você-].* I (Informante): *[...do] (hesitação) **foi** do colégio direto pra lá.*” (PEUL, Amostra Censo, T05And)
- (2) “*O carioca (em especial) não tem segurança; fica apavorado de **ir** às ruas; de passar pelas linhas Amarela, Vermelha ou Avenida Brasil; de **ir** da Barra ao Leblon; da Tijuca ao Flamengo; de um lugar a outro. Para que, afinal, existe o governo?*” (Cartas, JB, 27/04/04, “Governo?”)

Da mesma forma que o apagamento do argumento origem acontece em razão de implicaturas discursivas, seu preenchimento também. Quando a especificação do lugar fonte é necessária ou para a interpretação satisfatória do destinatário ou apenas para um reforço pragmático do falante com o intuito de tornar tal argumento o foco da informação, o preenchimento do argumento com função de origem é realizado.

É possível conceber o constituinte origem como uma espécie de **argumento default**, nos termos de Pustejovsky (1995), ou seja, como uma pré-condição para a existência do argumento destino. Na distribuição argumental da predicação básica de *ir*, é possível perceber que, para o segundo argumento (destino) existir, o primeiro (origem) precisa existir também, ainda que não seja expresso.

A predicação mais recorrente de que *ir* participa, com apenas dois argumentos – um externo e outro interno –, pode ser representada pelo seguinte marco predicativo:

Quadro 2: Marco predicativo dos exemplos (3 – 6)

(f ₂ : <i>ir</i>) [V] (x ₁ : <animado>) _{agente}	(x ₂ : <inanimado>) _{direção}
= ((arg. 1): sujeito que se desloca) ((arg. 2): lugar para onde se desloca)	

- (3) “*Rivaldo não **vai** para a Arábia e negocia com o Botafogo e com os mineiros.*” (Notícias/reportagens, Extra, 05/01/04, “Alvinegro e Cruzeiro no páreo”)
- (4) “*(...) a professora falou... pra ele... que “não pode chegar atrasado... Pinóquio...” depois... o Pinóquio... **foi** pro circo... falou com o seu dono... que seu dono estava preo... preocupado... com ele...*” (D&G, 1º Ano do Ens. Fund., Narrativa recontada, Inf. 81)
- (5) “*Bem fez o presidente Lula, que, em seu encontro com o colega, americano George W. Bush, exigiu melhor tratamento para os brasileiros que **vão** aos Estados Unidos.*” (Editoriais, Povo, 15/01/04, “Excesso de hospitalidade”)
- (6) “*(...) a aluna subiu as escadas e **foi** para sala de aula...*” (D&G – depoimentos escritos –, Ensino Médio, Narrativa recontada, Inf. 21)

Embora esse emprego como verbo predicador pleno seja frequente no *corpus* consultado, em comparação aos outros três usos analisados nesta investigação, admite-se que tal predicação retrata o núcleo conceptual mais básico, a partir do qual se derivam outros possíveis usos (cf. TAYLOR, 1995). Além do fato de tal configuração ser a primeira acepção registrada nos dicionários consultados, considera-se também, para efeito de prototipicidade, a evidência de que tal verbo é o elemento mais economicamente associável a outros de valor mais específico (Taylor (1995) afirma que protótipos abarcam valores semânticos variados).

Como se pode perceber nesses exemplos, predicações básicas com o verbo predicador *ir* caracterizam-se por evidenciarem um estado de coisas dinâmico, que pode também ser chamado de **evento**, e controlado. Dinâmico, porque, ao longo da duração do estado de coisas – desde o ponto de origem até o destino – percebe-se que há uma mudança de parâmetro gradativa, mais precisamente, uma mudança espaço-referencial do agente num espaço. Construções com *ir* predicador pleno expressam, comumente,

mudança gradativa do agente. Os exemplos citados evidenciam essa característica, já que é possível estabelecer pontos locativos intermediários.

Extensões semânticas das predicções com verbo predicador *ir*

Há casos em que *ir* mantém sua característica sintática de predicador com significação plena de movimento, mas relaciona entidades que não condizem com as restrições de seleção básicas observadas na seção anterior. Nessas ocorrências, o argumento interno não se configura como um termo [+ animado] e [+ controlador] e/ou o argumento externo não traduz um locativo concreto, ocasionando a necessidade de interpretar tais tipos sentença por meio de alguma estratégia especial. Os exemplos seguintes ilustram esses casos:

Quadro 3: Marco predicativo dos exemplos (7 – 11)

(f ₃ : <i>ir</i>) [V] (x ₁ : <animado>) _{agente} (x ₂ : <inanimado>) _{evento} = ((arg. 1): sujeito que se desloca) ((arg. 2): lugar para onde se desloca)
--

- (7) “(...) meu marido tem um amigo... que::... ele era:: esportista... acho que ele era nadador... profissional... e ele/ apareceu um::... um... negócio nas costas dele que ele não sabia o que que era... aí ele **foi ao médico**... aí o médico olhou e falou que era uma doença lá... alguma coisa que ele ia ter que o/ eh... fazer uma cirurgia...” (D&G, Ensino Superior, Narrativa recontada, Inf. 3)
- (8) “(...) aí... fiquei lá um bom tempo... aí depois não deu certo... arranjei um namorado... aí... **fui pra uma festa**... né? aí ele pegou/ ficamos juntos... um bom tempo...” (D&G, 1º Ano do Ens. Fund., supletivo, Narrativa de experiência pessoal, Inf. 76)
- (9) “(...) e- essa namorada dele **foi no enterro** dele...” (PEUL, Amostra Censo, T05And)
- (10) “(...) eu acho que tava muito antiga, aquela coisa certinha que você tinha que **ir pra missa**, tinha que fica quietinho, você tinha que rezá.” (PEUL, Amostra Censo, T22Ana)
- (11) “(...)o lado bom é que hoje ele é campeão... de:: natação... né? de:: paraplégicos... já **foi à olimpíada** e tudo... tem um monte de medalha... quer dizer... isso não/ ele não parou de nadar por causa disso... levou adiante... mas hoje está numa cadeira de roda... né?” (D&G, Ensino Superior, Narrativa recontada, Inf. 3)

Quadro 4: Marco predicativo dos exemplos (12) e (13)

(f ₄ : <i>ir</i>) [V] (x ₁ : <inanimado>) _{agente} (x ₂ : <inanimado>) _{direção} = ((arg. 1): sujeito que se desloca) ((arg. 2): o lugar que o evento metonimicamente evoca)

- (12) “**Cinco folhas do calendário de 2003 já foram para o lixo**, mas as páginas dos cadernos de boa parte dos alunos da rede estadual de ensino em Duque de Caxias continuam em branco, em pleno mês de junho.” (Notícias/Reportagens, Extra, 05/06/03, “Ano letivo em câmera lenta”)
- (13) “A Petrobras anunciou um lucro recorde de R\$ 17,795 bilhões no ano passado, maior do que, por exemplo, o da Coca-Cola Internacional. Como a União é acionista majoritária, caberá ao governo cerca de R\$ 8,9 bilhões. Se **essa quantia for para o Tesouro**, cairá no sumidouro do pagamento de juros da dívida pública.” (Cartas, O Globo, 19/02/04, “Ouro negro”)

Os exemplos supracitados apresentam argumentos que não satisfazem às restrições de seleção de *ir*. No exemplo (7), observa-se que o constituinte *ao médico* não

compartilha características com um locativo autêntico como *ao hospital* em que se verificam traços como [- animado] e [- humano]. Os exemplos (8), (9), (10) e (11) exibem, respectivamente, os itens *feira*, *enterro*, *missa* e *olimpíadas* em posição de um locativo; no entanto, esses termos apresentam características de eventos³ que ocorrem em determinado lugar, ou seja, *feira* é um evento que pode acontecer num *clube*, *salão*, *discoteca* etc., *enterro*, num *cemitério*, *missa*, numa *igreja*, e *olimpíadas*, em *dada cidade*. Nos exemplos (12) e (13), notam-se termos que não possuem a capacidade de controlar uma ação (*folhas / quantia*) na posição de sujeito e elementos sem propriedades de um locativo (*lixo / Tesouro*).

Admite-se que, nos exemplos (7), (8), (9), (10) e (11), o fenômeno atuante nas predicções dos exemplos em questão em que se constata violações de restrições de seleção é o da metonímia, pois os termos que ocupam a posição de locativo se caracterizam como partes integrantes da área semântica de atuação de seus locativos correspondentes (*feira* → *clube*, *salão*, *discoteca* etc., *enterro* → *cemitério*, *missa* → *igreja* e *olimpíadas* → *cidade*). A substituição que ocorre é a de **lugar** pelo **evento**.

No que concerne aos exemplos (12) e (13), reconhece-se que os fenômenos atuantes são os da metáfora e da metonímia, visto que se depreende que há (i) transferência conceptual de um domínio para outro e (ii) associação entre entidades. No caso da posição de sujeito, constata-se que o domínio conceptual de um agente controlador é transferido a uma entidade [- agente] e [- controladora] (*folha / quantia*) e, no caso da posição de locativo, observa-se a relação metonímica: *conteúdo* pelo *container*.

Em algumas estruturas, captam-se extensões de sentido um pouco mais afastadas do sentido básico do verbo predicador *ir*, como as ilustradas em (14), (15) e (16):

- (14) “O Rivaldo gostou muito dessa idéia de ver a sua imagem associada aos Jogos Pan-Americanos. Por isso, levamos em conta, sim, a possibilidade de ele *ir* para o Botafogo.” (Notícias/reportagens, Extra, 05/01/04, “Alvinegro e Cruzeiro no páreo”)
- (15) “O valor das multas por excesso de velocidade pode *ir* até 77% neste ano.” (Notícias/reportagens, Extra, 05/01/04, “Uma desacelerada nas multas”)
- (16) “O Dia de Finados traz infinitas saudades dos que já *se foram*. (Crônicas, Povo, 01/11/03, “Finados”)

Vale frisar que, em (14), (15) e (16), *ir* substitui verbos que apresentam algum traço de movimento incorporado aos seus respectivos lexemas:

- (a) *Transferir-se*: mudar-se de um lugar (no caso do exemplo [20], clube de futebol) para outro.
- (b) *Aumentar*: tornar-se maior.
- (c) *Morrer*: para a nossa cultura, passar de um plano material ao espiritual.

Os exemplos anteriores apresentam predicções em que *ir* se mantém íntegro quanto ao seu papel sintático (verbo predicador que projeta argumentos) e semântico (significado de movimento), embora os argumentos violem as restrições de seleção de tais predicções. Os exemplos a seguir, no entanto, estruturam-se com base num verbo predicador *ir* que não mantém, completamente, seus traços semânticos básicos. Nesses

³ É importante ressaltar que o sentido de **evento** apresentado (um determinado **acontecimento**) é diferente daquele proposto por Dik (1997) que corresponde a um estado de coisas dinâmico.

casos, por estabelecer uma espécie de “unidade composicional” com outro constituinte, é possível estabelecer substituições por outras unidades semânticas⁴ correspondentes.

- (17) “Trulli- Tocado por Montoya, acabou **indo** mais cedo **para o chuveiro**.” (Opinião, Extra, 30/08/04, “Azar é o deles”) – Ir para o chuveiro = sair, deixar.
- (18) “Os espanhóis **foram às ruas**, em massa, contra a guerra muito antes.” (Cartas, JB, 28/03/04, “Terrorismo”) – Ir às ruas = protestar.
- (19) “Hoje é dia de escrever uma nova página da História do Brasil. Mais de 100 milhões de brasileiros **vão às urnas** eleger o presidente da República.” (Editoriais, JB, 27/10/02, “A Rosa do Povo”) – Ir às urnas = votar.
- (20) “Aí depois- depois que ele morreu... dele ter **ido pro céu**, [aí-] aí apareceu um montão de capetinha assim, levou ele e levou ele pro inferno.” (PEUL, Amostra Censo, T05And) – Ir para o céu = morrer.
- (21) “(...) eu estava gostando dele pra caramba mesmo... aí tudo bem... aí... só que... mais tarde... quando foi a hora da cerimônia () antes... isso um pouquinho antes... eu peguei beijando a... tal da menina... tá? a que ele já/ que ela gostava dele... aí eu falei “o quê? é agora mesmo...” peguei um cabo de vassoura ((risos)) **fui em cima** dos dois... mas fiz uma algazarra tão grande... sabe? fiz o maior escândalo...” (D&G, 1º Ano do Ens. Fund., supletivo, Narrativa de experiência pessoal, Inf. 77) – Ir em cima = agredir, bater.
- (22) “Quem vai mesmo pagar a conta são as pequenas empresas fornecedoras de serviços e de produtos semimanufaturados, que, por sua vez, precisam reabrir seus orçamentos para sobreviver. Com isso, sobra para o consumidor final e os operários, que **vão para a rua**, por conta de mais um ajuste fiscal para cobrir o rombo dos cofres públicos.” (Cartas, JB, 27/02/04, “Desemprego”) – Ir para a rua = ser demitido.

Nas predicções exemplificadas acima, *ir*, ainda que mantenha traços de sua semântica básica – “movimento no espaço” –, forma com outro elemento uma unidade composicional. Alguns dicionaristas (HOUAISS; VILLAR, 2001, e MICHAELIS, 1998) avaliam tais casos como “expressões idiomáticas” ou “expressões cristalizadas”, pelo motivo de veicularem um sentido global.

Vale salientar que, para cada exemplo apresentado (17 – 22), há a possibilidade de um marco predicativo diferente, já que o sentido global dos enunciados não depende somente dos comportamentos semânticos individuais do predicado e dos argumentos, como até o momento se verificou, e sim de um sentido global gerado a partir da combinação entre *ir* e o argumento em posição que seria primeiramente de um locativo. Marcos predicativos apresentam informações sintático-semânticas dos predicados e, dessa forma, eles não dão conta de sentidos que são construídos no nível discursivo. Se uma pessoa não entende que *ir em cima* de alguém possui o sentido de *agredir* ou *bater*, o que seria muito difícil para um falante nativo do Português do Brasil, sua interpretação basear-se-á na configuração semântica básica do predicado *ir* e do constituinte *em cima*.

É possível cogitar a similaridade dessas estruturas verificadas nos exemplos (17 – 22) com perífrases com verbo-suporte, visto que se percebe a atuação de um elemento verbal sobre outro não verbal, cuja fusão sintático-semântica denota um sentido global. Os estudos de Machado Vieira (2001) e Esteves (2008) demonstram o emprego de *fazer* e *dar* em construções cuja função de projetar argumentos e atribuir-lhes papéis temáticos tem como principal responsável o elemento nominal (“[...] vamos **fazer** o

⁴ Entende-se por **unidade semântica** uma palavra ou uma estrutura que suscite um único sentido.

*aproveitamento da área da Rio-Santos...” / “Todos estes governadores nos **dão** notícias da fertilidade daquele solo e todos á uma dizem ser na agricultura que estava a prosperidade e futuro da colônia.”).⁵*

Nessas unidades compósitas, *ir* revela comportamento que se situa entre as categorias de verbo predicador e verbo-suporte. Nesse tipo de construção, percebe-se uma articulação entre elementos que possuem seus atributos semânticos enfraquecidos, uma vez que eles deixam de possuir um significado isolado para, juntos, constituírem um sentido global, um complexo verbal. Nesse sentido, vale assinalar que um estudo específico que contemple a natureza composicional de formas verbais como as exemplificadas, comprovando, ou descartando, a possibilidade de estar havendo algum grau de lexicalização, delimitaria com êxito as propriedades dessas construções e de seus componentes.

Uma das premissas básicas dos estudos sobre gramaticalização (cf. HEINE et AL, 1991 e HEINE, 1993) é a de que categorias que marcam algum tipo de aspecto espacial tendem a ampliar seu escopo a aspectos relacionados a tempo. Ao se observarem os dados em função dessa premissa, detectaram-se, no *corpus* pesquisado, usos de *ir* em que o deslocamento acontece no espaço temporal e não mais no espaço geográfico. Eis alguns exemplos:

Quadro 5: Marco predicativo dos exemplos (23 – 26)

(f ₅ : <i>ir</i>) [V] (x ₁ : <animado ou inanimado>) _{agente controlador ou não controlador}	(x ₂ : <inanimado>) _{ponto temporal}
= ((arg. 1): entidade que se desloca no tempo) ((arg. 2): um determinado ponto em algum tempo)	

- (23) “No final deste mês, os 34 países das Américas estarão reunidos em Quito, no Equador, para definir os termos em que o acordo da Alca será implantado em sua última fase, que **vai até 2005**, sob a presidência conjunta dos Estados Unidos e do Brasil.” (Opinião, O Globo, 21/10/02, “Uma Alca sem atropelos”)
- (24) “(...) a doutora pediu que eu interrompesse o anticoncepcional... aí nessa que eu interrompi... eu engravidei... da minha segunda filha... conclusão... eu engravidei:: aí continuei estudando... eu estava estudando... continuei estudando... e tal... mesmo grávida... eu **fui até o final da gravidez**... eh:: estudando... aí quando a minha filha mais nova nasceu... eu procurei uma pessoa pra tomar conta dela... e não encontrei...” (D&G, Ensino Médio, Narrativa de experiência pessoal, Inf. 19)
- (25) “(...) O bicho da mala preta passou lá minha filha, comprou ele!! Deu o dinheiro pra ele então... a gente não foi classificado, tá entendendo? A gente não **fomos pra final**.” (PEUL, Amostra Censo, T05And)
- (26) “Empate em 0 a 0 classifica o Real Madri; em 1 a 1 a decisão **vai para a cobrança de pênaltis** e empate por qualquer outro placar classifica o Bayern.” (Notícias/Reportagens, JB, 10/03/04, “Real e Bayern decidem vaga”)

Embora se tenham obtidos poucos dados dessa natureza, cumpre descrevê-los, em virtude de sua peculiaridade no que tange ao tipo de “movimento” que *ir*, nessas predicções, expressa. Nos exemplos de (23) e (24), percebe-se que o meio pelo qual o agente, que pode ser controlador ou não, se desloca é um espaço temporal, o que faz desses itens em destaque extensões semânticas do verbo predicador *ir*. Nos enunciados (25) e (26), constata-se que há um deslocamento até a realização de um evento, que no caso é representado pelo *final do campeonato* e pela *cobrança de pênaltis*; e tais

⁵ Exemplos retirados, respectivamente, de Machado Vieira (2001, p. 182) e de Esteves (2008, p. 151).

eventos são apresentados como localizados num eixo temporal, que pressupõe início, meio e fim.

Verificando-se os dados de verbo predicador *ir*, encontra-se a seguinte distribuição:

Tabela 1: Produtividade das extensões semânticas do verbo predicador *ir*

Tipos de extensões semânticas	Número de ocorrências	Percentual
Verbo predicador pleno	313	63%
Verbo predicador não pleno	87	18%
Empregos em unidade compósita	94	19%
Total	494	100%

A quantificação exposta na tabela 1 revela que *ir*, na condição de verbo predicador, é empregado produtivamente como predicador pleno (63% dos dados). As demais extensões de sentido são pouco frequentes no *corpus*, em comparação ao seu uso lexical básico.

Observando-se os empregos de *ir* como predicador não pleno, detectaram-se dois subtipos mais produtivos de ocorrências: (1) extensão semântica em que *ir* contrai valor semântico de “movimento no tempo” e (2) extensão semântica em que *ir* é “pró-verbo” de movimento de outros verbos mais específicos, uma espécie de verbo “coringa”.

Tabela 2: Produtividade dos valores semânticos adquiridos por *ir* na qualidade de verbo predicador não pleno

Tipos de valores semânticos adquiridos por <i>ir</i>	Número de ocorrências	Percentual
Valor semântico de “movimento no tempo”	31	36%
Valor semântico equivalente (quase) a outro item verbal	56	64%
Total	87	100%

Com base nos resultados da tabela 2, *ir*, ao expandir-se semanticamente, adquire, com mais frequência (64% de 87 dados), valor semântico equivalente a de verbos que, sob alguma medida, apresentam um traço semântico de “movimento”, “fluidez” etc. (cf. exemplos [14], [15] e [16]). Incorporando sentido de “movimento no tempo”, *ir* mostrou-se menos produtivo (36% de 87 dados), se comparado ao percentual bruto anteriormente exposto. Não obstante, se se pensar que o subtipo anteriormente

apresentado abarca diferentes possibilidades semânticas e que o subtipo com valor temporal se restringe a uma possibilidade, este uso ganha em expressividade.

Considerações finais

Neste texto, propôs-se investigar os processos de expansão semântica de predicções com o verbo *ir* na condição de verbo predicador. Para tanto, observou-se o comportamento lexical básico desse verbo para que fosse possível apresentar as implicações desse emprego para o desencadeamento de processos que levam à extensão de sentido. Com efeito, analisaram-se (i) textos da modalidade oral concernentes a níveis distintos de escolaridade (do primeiro ano do Ensino Fundamental ao Ensino Superior) e a diferentes faixas etárias (desde a idade infantil a adulta); e (ii) textos escritos correspondentes aos gêneros jornalísticos artigos de opinião, cartas de leitores, crônicas, editoriais, notícias-reportagens e, ainda, correspondentes às reproduções por escrito dos depoimentos feitos, em um primeiro momento, oralmente dos informantes do Acervo D&G (Discurso & Gramática).

No que tange ao comportamento lexical básico, a pesquisa demonstrou sua natureza semântica concreta cuja função é a de expressar “um movimento de um agente controlador até um destino”. Sua sintaxe prototípica caracteriza-se por exigir um argumento interno, com a função semântica de direção, um argumento interno *default*, com função semântica de origem, e um argumento externo, com a função semântica de sujeito.

Em determinados empregos como verbo predicador, detectaram-se extensões de sentidos da predicação básica de *ir*. Uma em que se captou a expansão do item *ir*, de modo a se tornar equivalente semanticamente a outro predicador. Outra em que, da união entre *ir* mais o argumento interno, infere-se um sentido global. Nesse caso averiguou-se a existência de uma unidade compósita, a que alguns dicionaristas, como Houaiss e Villar (2001) e Michaelis (1998), atribuem o nome de **expressões idiomáticas**. Por fim, avaliou-se a produtividade desse verbo com valor semântico de “deslocamento no tempo”.

Conclui-se, portanto, que *ir* é um verbo polissêmico cujos sentidos são captados no nível do discurso, ou seja, na interação entre falante e ouvinte. As manifestações semânticas desse verbo podem ser interpretadas como similar a de outro, em função da situação comunicativa e do conhecimento de mundo, ou informação pragmática, do ouvinte. Com isso, ratifica-se o argumento de que estudos acerca do fenômeno da polissemia devem considerar questões de ordem comunicativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIK, Simon C. *Theory of Functional Grammar*. Editado por Kees Hengeveld. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997. 2 v.

ESTEVES, Giselle Aparecida Toledo. *Construções com DAR + Sintagma Nominal: a gramaticalização desse verbo e a alternância entre perífrases verbo-nominais e predicadores simples*. 2008. 334 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

HEINE, Bernd *Auxiliaries: cognitive forces and grammaticalization*. New York/Oxford: Oxford University Press, 1993.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization: A Conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. *Sintaxe e semântica de predicções com verbo fazer*. 2001. 362 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

MICHAELIS. *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998. p. 943-944.

PUSTEJOVSKY, James. *The generative lexicon*. Londres, Massachusetts, Cambridge: The MIT Press, 1995.

TAYLOR, John R. *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*. 2. ed. Oxford: Calderon Press, 1995.

VILELA, Mário. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Livraria Almedina, 1999.